

A febre do Nilo Ocidental em Equinos: avaliação dos riscos e estratégias de controle para a Saúde Pública

Maria Nilce Aleixo Viana ¹ , Luana Kelly Costa ² , Sara Éllen Rodrigues de Lima ³ ,
Ana Ariel Monte ⁴ , Rayane Kelly da Silva Ferreira ⁵ , Rhamon Costa e Silva ⁶ 

1. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: m.nilce123@gmail.com

2. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: luanakellycosta411@gmail.com

3. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: sara.ellima@gmail.com

4. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: monteanaariel@gmail.com

5. Acadêmica de Medicina Veterinária
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: raykelly140@gmail.com

6. Mestre em Ciência Animal
Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS
E-mail: rhamoncosta@univs.edu.br

Comunicação Breve

O Vírus do Nilo Ocidental (VNO) pertence à família Flaviviridae, gênero Flavivirus, e foi inicialmente identificado em 1937 no Egito e em Uganda. Esta infecção pode manifestar-se de forma endêmica ou epidêmica, afetando aves, humanos, cavalos e outros mamíferos. As aves silvestres atuam como principais reservatórios e amplificadores, devido à migração característica, enquanto humanos e cavalos são hospedeiros acidentais que não transmitem o vírus ao vetor. Eventos de 2019 confirmaram a disseminação da doença no Brasil, causando alta mortalidade em equinos, frequentemente resultando em sequelas. Além disso, não há tratamento específico, apenas suporte clínico para animais afetados. Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre a Febre do Nilo Ocidental em equinos e seus possíveis impactos na saúde pública, com ênfase na identificação de estratégias de prevenção e controle para minimizar o risco de transmissão do vírus a humanos. Este estudo foi fundamentado em uma busca sistemática na base de dados científica Google Scholar, abrangendo artigos com qualificação de A1-B1, que forneceram informações pertinentes sobre o tema. Os artigos selecionados devem ter sido publicados em português, inglês e espanhol, estar disponíveis em texto completo e abordar aspectos relevantes diante da incidência da febre do Nilo em equinos. A análise revela uma incidência significativa da doença em equinos, com diversas manifestações clínicas, como febre, fraqueza, ataxia e sinais neurológicos. Os principais métodos de diagnóstico, como sorologia, detecção de material genético viral por meio de PCR e ensaios de captura de antígenos, têm mostrado eficácia na identificação da Febre do Nilo Ocidental em equinos. Os vetores de transmissão, principalmente mosquitos do gênero Culex, foram identificados em várias regiões, enfatizando a importância do controle desses vetores. Estratégias de controle de vetores envolvem o uso de inseticidas, o gerenciamento de criadouros de mosquitos e medidas de proteção individual, como repelentes e redes mosquiteiras. A transmissão da Febre do Nilo Ocidental para seres humanos ocorre principalmente por meio da picada de mosquitos vetores infectados. Os impactos na saúde

pública incluem surtos da doença em humanos, com sintomas que variam de leves, como febre, a casos graves que podem levar a complicações neurológicas e, em alguns casos, óbito. É crucial reconhecer a relação intrincada entre a Febre do Nilo Ocidental em equinos e seus impactos na saúde pública, que podem se manifestar sob a forma de surtos da doença em comunidades onde equinos doentes ou vetores infectados estão presentes. A pesquisa futura deve continuar a aprimorar métodos de diagnóstico, desenvolver vacinas específicas para equinos, melhorar medidas de controle de vetores e conscientização, visando reduzir ainda mais o impacto da doença na saúde pública. Além dos sintomas semelhantes aos da gripe, como febre, dor de cabeça, fadiga e dores musculares, a Febre do Nilo Ocidental pode resultar em complicações neurológicas. Nesse contexto, destaca-se a alta incidência da doença em equinos, ressaltando a importância do diagnóstico para um melhor prognóstico. Estratégias como o uso de inseticidas, o gerenciamento de criadouros de mosquitos e medidas de proteção individual, incluindo repelentes e redes mosquiteiras, são essenciais para conter a propagação da doença. O resultado também destaca a transmissão da Febre do Nilo Ocidental para seres humanos por meio da picada de mosquitos vetores infectados, enfatizando os impactos significativos na saúde pública. Diante disso, a compreensão aprofundada desses elementos é crucial para mitigar o impacto da FNO na saúde pública, reduzindo a incidência da doença em equinos, protegendo a população humana e promovendo medidas eficazes de prevenção. O trabalho futuro deve se concentrar na integração de abordagens multidisciplinares para enfrentar os desafios apresentados pela Febre do Nilo Ocidental, visando a proteção da saúde tanto animal quanto humana.

Referências

- ANJOS, H. R. C. O. et al. Primeiros casos de infecção pelo vírus da Febre do Nilo Ocidental em equinos no estado de São Paulo. **Ciência Animal e Veterinária: tópicos atuais em pesquisa**-volume 2, v. 2, n. 1, p. 102-110, 2023. Disponível em: [10.37885/230613235](https://doi.org/10.37885/230613235)
- COELHO, A. B. &. Febre do Nilo Ocidental; Faculdades Metropolitanas Unidas, Medicina Veterinária, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://arquivo.fmu.br/prodisc/medvet/abc.pdf>. Acesso: 07 nov. 2023.
- FREITAS, T. A.; RODRIGUES, E. D. L.; REIS, M. M. Febre do Nilo Ocidental: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 4, p. 107-118, 2019.
- MEIRELES, A. R. et al. Primeiro diagnóstico de febre do Nilo Ocidental em humano em Minas Gerais: Relato de caso. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 26, p. 102294, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102294>
- SILVA, A. S. G. et al. Febre do Nilo Ocidental no Brasil: O novo desafio aos médicos-veterinários. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v19i1.38082>